

ARNALDUR INDRIÐASON

Vozes

Tradução
Álvaro Hatnher



Copyright © 2002 by Arnaldur Indriðason
Publicado mediante acordo com Forlagid www.forlagid.is



Este livro contou com apoio financeiro de Bókmenntasjóður/The Icelandic Literature Fund

*Grafiá atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Röddin

Traduzido da edição americana (*Voices*)

Capa

Kiko Farkas e Thiago Lacaz/ Máquina Estúdio

Foto de capa

© Corbis (RF)/ LatinStock

Preparação

Ciça Caropreso

Revisão

Adriana Cristina Bairrada

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Indriðason, Arnaldur

Vozes / Arnaldur Indriðason ; tradução Álvaro Hatnher. —
1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: Röddin.

ISBN 978-85-359-2058-1

1. Ficção policial e de mistério (Literatura islandesa) I. Título.

12-00875

CDD-839.693

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura islandesa 839.693

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

PRIMEIRO DIA

1.

Elínborg esperava por eles no hotel.

No saguão havia uma enorme árvore de Natal, decorações, ramos de abeto e bugigangas brilhantes por toda parte. Um sistema de som invisível tocava “Noite feliz”. Um ônibus estacionou diante do hotel e um grupo se aproximou do balcão da recepção, turistas que tinham planejado passar o Natal e o Ano-Novo na Islândia porque o país lhes parecia ser um lugar cheio de aventuras e emoções. Apesar de terem acabado de chegar, muitos já haviam comprado os tradicionais suéteres islandeses e se inserido na exótica paisagem da terra do inverno. Erlendur espanou com a mão o granizo de sua capa de chuva. Sigurdur Óli deu uma olhada pelo saguão e avistou Elínborg perto dos elevadores. Puxou Erlendur e os dois foram até ela. Elínborg já havia examinado a cena. Os primeiros policiais que chegaram tinham garantido que ela permanecesse inalterada.

O gerente do hotel pediu que eles não causassem tumulto. Usou essa expressão quando telefonou. Ali era um hotel, e os hotéis vivem de sua reputação, e pediu que levassem isso em conta.

Dessa forma não houve sirenes lá fora nem policiais uniformizados andando apressados pelo saguão. O gerente disse que precisavam, a todo custo, evitar que o medo se instalasse entre os hóspedes.

A Islândia não deveria ser tão excitante, não deveria representar uma grande aventura.

Agora ele estava de pé ao lado de Elínborg e cumprimentou Erlendur e Sigurdur Óli com um aperto de mão. Era tão gordo que o terno mal envolvia seu corpo. O paletó cobria o estômago preso por um botão prestes a estourar. A parte de cima da calça estava escondida debaixo de uma pança enorme e protuberante que saía pelo casaco, e o homem suava tanto que não conseguia largar o lenço branco com o qual constantemente enxugava a testa e a nuca. O colarinho branco da camisa estava encharcado de suor. Erlendur apertou sua mão úmida.

“Obrigado”, disse o gerente do hotel, bufando como uma orca. Em seus vinte anos de administração do hotel ele nunca tinha enfrentado nada parecido com aquilo. “Em plena temporada de Natal”, gemeu. “Não entendo como isso pôde acontecer! Como isso pôde acontecer?”, repetiu, não deixando nenhuma dúvida sobre como estava se sentindo absolutamente perplexo.

“Ele está lá em cima ou embaixo?”, perguntou Erlendur.

“Em cima ou embaixo?”, bufou o gerente gordo. “Você quer saber se ele foi para o céu?”

“É”, disse Erlendur. “É exatamente isso que precisamos saber...”

“Vamos subir pelo elevador?”, perguntou Sigurdur Óli.

“Não”, disse o gerente, lançando um olhar irritado para Erlendur. “Está lá embaixo, no porão. Ele tem um quartinho ali. Nós não queríamos expulsá-lo. E foi isso que acabamos recebendo.”

“E por que vocês iriam querer expulsá-lo?”, perguntou Erlendur.

O gerente olhou para ele, mas não respondeu.

Eles desceram lentamente as escadas ao lado do elevador. O gerente seguiu à frente. Descer as escadas foi extenuante para ele, e Erlendur se perguntou como iria voltar para cima.

Com exceção de Erlendur, eles tinham concordado em demonstrar alguma consideração e tentar chegar ao hotel o mais discretamente possível. Três carros de polícia estavam estacionados nos fundos, com uma ambulância. Policiais e paramédicos tinham entrado pela porta de trás. O legista estava a caminho. Ele iria atestar a morte e chamar uma van para transportar o corpo.

Eles caminharam por um longo corredor com o gerente ofegante à frente. Policiais à paisana cumprimentaram-nos. À medida que andavam, o corredor ia se tornando mais e mais escuro, porque as lâmpadas no teto tinham queimado e ninguém se preocupava em trocá-las. Por fim, no escuro, chegaram à porta que conduzia a um pequeno quarto. Na verdade, era mais uma despensa grande do que uma habitação, mas lá dentro havia uma cama estreita, uma pequena escrivaninha e um tapete esfarapado no chão de azulejos sujos. E também uma pequena janela perto do teto.

O homem estava sentado na cama, encostado à parede. Vestia uma roupa berrante de Papai Noel e ainda trazia o gorro na cabeça; ele, porém, havia deslizado para baixo, cobrindo os olhos. Uma enorme barba artificial de Papai Noel escondia seu rosto. Ele tinha aberto o cinto largo e desabotoado o casaco. Por baixo da roupa, usava apenas uma camiseta branca. Havia um ferimento fatal no coração. Embora houvesse outros ferimentos no corpo, o esfaqueamento no coração tinha acabado com ele. Havia cortes em suas mãos, como se ele tivesse tentado lutar com seu agressor. A calça estava abaixada até o tornozelo. Havia um preservativo pendurado em seu pênis.

“Rudolph, a rena do nariz vermelho”, cantarolou Sigurdur Óli, olhando para o corpo.

Elínborg mandou-o ficar quieto.

No quarto havia um pequeno armário, cuja porta estava aberta. Dentro dele havia calças dobradas e suéteres, camisas passadas, cuecas e meias. Pendurado em um cabide, um uniforme azul-marinho com dragonas douradas e botões de metal brilhante. Um sapato de couro preto muito bem engraxado podia ser visto ao lado do armário.

Jornais e revistas estavam espalhados pelo chão. Ao lado da cama, havia uma mesinha e uma lâmpada. Sobre a mesa um único livro: *A história dos meninos cantores de Viena*.

“Esse homem, ele morava aqui?”, perguntou Erlendur enquanto analisava a cena. Ele e Elínborg tinham entrado no quarto. Sigurdur Óli e o gerente do hotel permaneceram do lado de fora. Era pequeno demais para ficarem todos lá dentro.

“Nós o deixávamos ficar aqui”, disse o gerente, constrangido, enxugando o suor da testa. “Ele trabalhava para nós fazia muito tempo. Antes mesmo de eu vir para cá. Como porteiro.”

“A porta estava aberta quando ele foi encontrado?”, perguntou Sigurdur Óli, tentando parecer formal, como se para compensar sua brincadeira de antes.

“Eu pedi a ela que esperasse vocês”, disse o gerente. “A garota que o encontrou. Ela está na copa dos funcionários. Ficou chocada, a pobrezinha, como podem imaginar.” O gerente evitava olhar para o quarto.

Erlendur aproximou-se do corpo e olhou a ferida no coração. Ele não fazia a menor ideia de que tipo de lâmina havia matado o homem. Ergueu os olhos. Acima da cama havia um pôster antigo e desbotado de um filme de Shirley Temple, preso nos cantos com fita adesiva. Erlendur não conhecia o filme, que se chamava *A Pequena Princesa*. O pôster era a única decoração que havia no quarto.

“Quem é essa”, perguntou Sigurdur Óli, da porta, ao ver o pôster.

“Está escrito Shirley Temple”, disse Erlendur.

“E quem é ela? Já morreu?”

“Quem é Shirley Temple?” Elínborg ficou espantada com a ignorância de Sigurdur Óli. “Você não sabe quem ela foi? Não estudou nos Estados Unidos?”

“Ela foi uma estrela de Hollywood?”, perguntou Sigurdur Óli ainda olhando para o pôster.

“Ela foi uma estrela infantil”, disse Erlendur secamente. “Então, de certa forma, está morta.”

“Hein?”, disse Sigurdur Óli sem entender o comentário.

“Uma estrela infantil”, disse Elínborg. “Acho que ela ainda está viva. Não me lembro. Acho que ela é alguma coisa na ONU.”

Erlendur percebeu que não havia outros objetos pessoais no quarto. Olhou ao redor, mas não viu estante, CDs ou computador, nem rádio ou televisão. Apenas uma escrivaninha, uma cadeira, um armário e uma cama com um travesseiro surrado e um edredom sujo. O quartinho lembrava uma cela de prisão.

Ele foi até o corredor, olhou para a extremidade escura de lá e sentiu um leve cheiro de queimado, como se alguém tivesse brincado com fósforos ou possivelmente iluminado o caminho.

“O que tem ali?”, perguntou ao gerente.

“Nada”, ele respondeu e olhou para o teto. “Só o fim do corredor. Algumas lâmpadas estão queimadas. Vou mandar trocar.”

“Esse homem, há quanto tempo ele morava aqui?”, perguntou Erlendur, voltando para o quarto.

“Não sei, desde antes de eu começar a trabalhar aqui.”

“Então ele já estava aqui quando você se tornou gerente?”

“Estava.”

“Quer dizer que ele morou neste buraco durante vinte anos?”

“Isso mesmo.”

Elínborg olhou para o preservativo. “Pelo menos ele praticava sexo seguro”, disse ela.

“Pelo jeito, não muito seguro”, disse Sigurdur Óli.

Nesse momento, o legista chegou trazido por um funcionário do hotel, que depois voltou pelo corredor. O legista também era muito gordo, embora não fosse de maneira alguma páreo para o gerente do hotel. Quando se espremeu para entrar no quarto, Elínborg saiu rapidamente, em busca de ar.

“Olá, Erlendur”, disse o legista.

“O que lhe parece?”, perguntou Erlendur.

“Pode-se dizer que foi um ataque cardíaco, mas preciso olhar melhor”, respondeu o legista, conhecido por seu terrível senso de humor.

Erlendur olhou para Sigurdur Óli e Elínborg, que sorriam de orelha a orelha.

“Dá para saber quando aconteceu?”, perguntou Erlendur.

“Não pode ter sido há muito tempo. Em algum momento nas duas últimas horas. Ele mal começou a esfriar. Vocês encontraram as renas?”

Erlendur suspirou.

O legista retirou sua mão do cadáver.

“Vou assinar o atestado”, disse. “Mande levarem para o necrotério, lá eles vão fazer a autópsia. Dizem que o orgasmo é uma espécie de morte”, acrescentou, olhando para o corpo. “Então, este aqui teve um duplo.”

“Um duplo?” Erlendur não entendeu.

“Orgasmo”, disse o legista. “Vocês vão tirar fotos, não vão?”

“Vamos”, respondeu Erlendur.

“Vão ficar ótimas no álbum de família dele.”

“Parece que ele não tem família”, disse Erlendur, olhando ao redor do quarto novamente. “Então por enquanto você já acabou?”, quis saber, ansioso para pôr um fim às piadas.

O legista assentiu com a cabeça, espremeu-se para sair do quarto e seguiu pelo corredor.

“Não vamos ter que fechar o hotel?”, perguntou Elínborg, e notou que o gerente engasgou com aquela pergunta. “Interromper o trânsito, dentro e fora. Interrogar todos os hóspedes e os funcionários. Fechar os aeroportos. Impedir que os navios deixem o porto...”

“Pelo amor de Deus”, gemeu o gerente, apertando o lenço com um olhar suplicante a Erlendur. “É apenas o porteiro!”

Maria e José nunca teriam conseguido um quarto aqui, pensou Erlendur.

“Esta... esta... depravação não tem nada a ver com os meus hóspedes”, balbuciou o gerente, indignado. “Eles são turistas, a maioria deles, e pessoas da região, empresários, gente desse tipo. Ninguém que tenha qualquer coisa a ver com o porteiro. Ninguém. Este é um dos maiores hotéis de Reykjavík. Estamos lotados por causa dos feriados. Vocês não podem simplesmente fechá-lo! Não podem!”

“Nós podemos, sim, mas não vamos”, disse Erlendur, tentando acalmar o gerente. “Vamos precisar interrogar alguns hóspedes e a maioria dos funcionários, acho.”

“Graças a Deus”, suspirou o gerente, recuperando a compostura.

“Qual era o nome do homem?”

“Gudlaugur”, respondeu o gerente. “Acho que devia ter uns cinquenta anos. E você está certo sobre a família dele; acho que ele não tem ninguém.”

“Ninguém o visitava?”

“Não faço a menor ideia”, bufou o gerente.

“Aconteceu alguma coisa incomum no hotel envolvendo esse homem?”

“Não.”

“Roubo?”

“Não aconteceu nada.”

“Reclamações?”

“Não.”

“Ele não se envolveu em nada que pudesse explicar isso?”

“Não que eu saiba.”

“Ele estava em conflito com alguém no hotel?”

“Não que eu saiba.”

“Fora do hotel?”

“Não que eu saiba, mas não o conheço muito bem. Não conhecia”, corrigiu-se o gerente.

“Mesmo depois de vinte anos?”

“Sim, realmente eu não o conhecia. Acho que ele não era muito sociável. Isolava-se o máximo que podia.”

“Você acha que um hotel é o lugar certo para um homem como ele?”

“Eu? Eu não sei... Ele sempre foi muito educado e nunca houve realmente nenhuma reclamação sobre ele.”

“Nunca mesmo?”

“Não, nunca houve nenhuma reclamação. Na verdade, ele não era um mau funcionário.”

“Onde fica a copa dos funcionários?”, perguntou Erlendur.

“Vou mostrar.” O gerente enxugou a testa, aliviado porque eles não iam fechar o hotel.

“Ele recebia convidados?”, perguntou Erlendur.

“O quê?”, disse o gerente.

“Convidados”, repetiu Erlendur. “Parece que alguém que o conhecia esteve aqui, não acha?”

O gerente olhou para o corpo e seus olhos se detiveram sobre o preservativo. “Eu não sei nada sobre as namoradas dele”, disse. “Absolutamente nada.”

“Você não sabe muita coisa sobre esse homem”, disse Erlendur.

“Ele era apenas o porteiro”, disse o gerente, achando que Erlendur deveria aceitar aquilo como explicação.

Eles saíram do quarto. A equipe da polícia técnica entrou com seus equipamentos, e mais policiais apareceram. Foi difícil, mas todos tiveram que se espremer para passar pelo gerente. Erlendur pediu que examinassem cuidadosamente o corredor e o canto escuro em seu final. Sigurdur Óli e Elínborg permaneceram no quartinho, observando o corpo.

“Eu não gostaria de ser encontrado assim”, comentou Sigurdur Óli.

“Não é mais uma preocupação para ele”, disse Elínborg.

“Não, provavelmente não”, concordou Sigurdur Óli.

“Tem alguma coisa nele?”, Elínborg perguntou enquanto tirava do bolso um saquinho de amendoins salgados. Ela sempre estava mordiscando alguma coisa. Sigurdur Óli achava que era por nervosismo.

“Nele?”, perguntou Sigurdur Óli

Ela acenou com a cabeça na direção do corpo. Depois de olhar para ela por um momento, Sigurdur Óli percebeu o que ela queria dizer. Ele hesitou, depois se ajoelhou ao lado do corpo e olhou para o preservativo.

“Não”, respondeu. “Está vazio.”

“Então ela o matou antes do orgasmo”, observou Elínborg. “O legista pensou...”

“Ela?”, disse Sigurdur Óli.

“Não é óbvio isso?”, perguntou Elínborg, esvaziando um punhado de amendoins na boca. Ela ofereceu alguns a Sigurdur Óli, que recusou.

“Não há um cheiro de safadeza no ar por aqui? Ele recebeu uma mulher aqui”, disse ela. “Não foi isso o que aconteceu?”

“Essa é a teoria mais simples”, disse Sigurdur Óli, levantando-se.

“Você acha que não?”, Elínborg said.

“Eu não sei. Não faço a menor ideia.”